

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A PESSOA SURDA NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA JUNTO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA.**

Vanessa Silva Oliveira

ACARAPE - CE

2023

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A PESSOA SURDA NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA JUNTO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA.**

Vanessa Silva Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia-
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, como
requisito parcial para obtenção do título de
Pedagogo.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Geranilde Costa e
Silva .

ACARAPE - CE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira Sistema de Bibliotecas da UNILAB

Catálogo de Publicação na Fonte.

Oliveira, Vanessa Silva. 042p

A Pessoa Surda na Escola na perspectiva da Educação Inclusiva Junto a
Pessoa com Deficiência / Vanessa Silva Oliveira. - Redenção, 2023.
48f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira,
Redenção, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva.

1. Deficiência auditiva. 2. Surdez. 3. Inclusão. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 371.912

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia - apresentado ao Curso Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo.

A PESSOA SURDA NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA JUNTO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA.

VANESSA SILVA OLIVEIRA
(Acadêmica)

Data da Aprovação: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Geranilde Costa e Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dra. Ana Paula Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Esp. Aline Pereira Lima

Secretaria Municipal de Educação de Redenção (CE)

LISTA DE SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

LS- Língua de Sinais

NAPE- Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir estar apresentando os resultados desse trabalho iniciado e realizado nas escolas do município de Redenção, que é onde resido atualmente.

A minha orientadora Professora Geranilde Costa pelo apoio e paciência de Sempre.

Aos meus Pais e Familiares por sempre acreditarem no meu Sonho.

Aos profissionais da Escola Francisco Januário da Costa pelo apoio, incentivo e pela contribuição dada a esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar como se dá a inclusão e interação no processo de escolarização do aluno surdo na sala de aula com professores e ouvintes. Além disso, buscou-se identificar se há comunicação e participação da família na escola e nesse processo de alfabetização, partindo do pressuposto de que a participação da família no processo de inclusão é primordial. Quanto à abordagem metodológica, o presente trabalho se constitui de uma pesquisa do tipo descritiva na qual foram investigados aspectos subjetivos para entendermos através da sensibilidade do professor, a realidade escolar e social surda. Foram consultadas diversas referências bibliográficas usadas para a sustentação de conceitos e afirmações ao decorrer desta pesquisa. Com relação aos instrumentos, optou-se pela aplicação de um questionário simples composto por 12 questões abertas, aplicado a professores do município de Redenção-CE com o intuito de levantar informações claras de como se dá esse processo de escolarização do surdo e do deficiente auditivo e vivência em sala de aula do ensino regular. Conclui-se que, mesmo tendo seus direitos assegurados, os deficientes auditivos e surdos enfrentam preconceitos e continuam às margens da inclusão por causa de uma sociedade excludente. E que apesar do apoio da rede municipal de Educação ainda existe falta de acompanhamento adequado composta de profissionais qualificados e de investimentos para elaboração de métodos capazes de promover uma aprendizagem igualitária ainda constituem-se grandes desafios que devem superados o quanto antes.

Palavras-chave: Deficiência auditiva. Surdez. Inclusão.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how is the process of educational inclusion and interaction of the deaf student in the classroom with teachers and listeners. In addition, we sought to identify whether there is communication and family involvement in the school and literacy process, assuming that the family involvement in the inclusion process is paramount. In terms of the research methodology, the present study was based on a descriptive research in which were investigated subjective aspects to understand trough teacher sensitivity the school and social reality of the deaf student. To support concepts and statements used in the course of this research several references were consulted. Regarding the instruments, it was decided to apply a simple questionnaire composed of 12 open questions, applied to teachers in the municipality of Redenção-CE with the aim of gathering clear information on how this process of schooling for deaf and hearing impaired people takes place. and experience in the regular education classroom. It is concluded that, even with their rights guaranteed, the hearing impaired and deaf face prejudice and continue to be on the margins of inclusion because of an exclusionary society. And despite the support of the municipal education network, there is still a lack of adequate monitoring made up of qualified professionals and investments to develop methods capable of promoting equal learning, there are still major challenges that must be overcome as soon as possible.

Keywords: Deficiency. Deafness. Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2. A INCLUSÃO DE PESSOAS SURDAS.....	12
2.1 DIAGNÓSTICO DE PESSOAS SURDAS.....	14
2.2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.....	15
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
6 REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES.....	26
ANEXOS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu inicialmente do interesse por estudar as questões relacionadas à educação especial. Baseando-me a partir de minhas experiências com pessoas surdas. O início da pesquisa se deu no ano de 2017, no curso de bacharelado em humanidades, e neste Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia busco concluir a segunda etapa, para que isso se torne possível pretendo continuar com a coleta de dados e então finalizar a pesquisa e as observações para então conclusão no curso de pedagogia, onde também buscarei pontuar os mesmos aspectos, trazendo alguns resultados e discussões ainda sobre o tema.

Tanto no âmbito escolar como social fui tecendo assim uma trajetória de vida marcada por inúmeras vivências com pessoas surdas e que apresentavam deficiência auditiva. Apesar de muitos com os quais convivi serem apenas colegas de classe, apenas os considerava como pessoas surdas sem questionar os diversos desafios enfrentados por eles. Diante dessa realidade, conseguia apenas perceber a exclusão social e a indiferença com os surdos em ambientes como escola e lugares públicos, levando-me a considerá-los como pessoas incapazes de conviver socialmente, ou até mesmo de realizarem suas aspirações de vida, como trabalho e estudo.

A inclusão dos surdos no ambiente escolar enfrenta diversas barreiras às quais serão discutidas e refletidas nesse trabalho com o intuito de buscar a compreensão de como se dá as relações educacionais envolvendo os professores, os familiares e os surdos.

Os professores apresentam pouco ou nenhum domínio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ou nem sempre podem contar com a presença de um intérprete em sala de aula, prejudicando em alguns casos, as relações de ensino-aprendizagem, em outros, tornando inviável o modelo de educação inclusivo e favorecendo a evasão dos alunos.

Infelizmente além da falta de formação dos educadores da rede pública, também nos deparamos com o preconceito que ainda existe e a falta de atenção por parte dos

demais envolvidos nesse processo de escolarização como gestores e demais profissionais da escola.

Já os pais, por sua vez, se mostram receosos quando se fala da inclusão de seus filhos especiais em instituições de ensino regular. Em seus estudos Rosita (2010) afirma que a resistência dos pais e professores é explicada por eles em razão da insegurança no trabalho educacional que irá ser realizado nas classes regulares, com os alunos com deficiência. É como se fossem tomados pelo medo de que a inserção não contribua de forma positiva. Até porque sabemos também que muitos dos professores não possuem uma formação adequada para que possam trabalhar em sala com alunos deficientes.

No período que tive convivência com alunos surdos percebi que o processo de escolarização não era fácil tanto pelas limitações deles como pela falta de apoio pedagógico, isso porque também não tínhamos professores formados em educação especial nem muito menos em LIBRAS. Sobre essa questão, ainda segundo Rosita (2010, p.35) afirma que “os professores alegam (com toda razão) que em seus cursos de formação não tiveram a oportunidade de estudar a respeito, nem de estagiar com alunos da educação especial”. Tornando ainda mais difícil esse processo inclusivo do deficiente auditivo em sala de aula devido falta de formação dos professores, porém alguns ainda tem vontade e muitas vezes enfrentam o desafio na tentativa de aprender mais”.

A partir das minhas experiências e leituras minha vontade de saber e pesquisar mais só aumentou no sentido de compreender, os conceitos e mostrar de alguma forma que essas barreiras existentes no processo de inclusão poderiam ser ultrapassadas. Na pesquisa bibliográfica conheci conceitos, e leis que asseguravam os direitos das pessoas surdas e deficientes auditivas, essa pesquisa me proporcionou mudar minha visão sobre essas limitações surdas, e aprendi a enxergar além dos olhos, passando a ter uma sensibilidade que até então eu não tinha. Também me despertou o desejo de saber se em alguma instituição do município de Redenção- (CE) existia o acompanhamento especializado e se existia como era realizado e quem o realizava. A partir desses questionamentos elaborei algumas perguntas que foram direcionadas a um professor pedagogo da rede municipal.

Utilizo neste trabalho dois termos surdo e deficiente auditivo, pois existem diferença entre eles e que serão explanadas ao longo desse estudo. No âmbito da medicina o termo surdo é utilizado para caracterizar ou definir uma pessoa que possui surdez profunda. Já quando essa surdez é leve ou moderada o termo utilizado passa a ser deficiente auditivo. Para que se dê início ao acompanhamento escolar é necessário que se

tenha um diagnóstico, é essencial que este diagnóstico seja realizado quanto antes para que seja possível saber se existe dificuldade ou incapacidade do indivíduo em ouvir com exatidão e qual o seu grau de dificuldade. É importante que seja dado um diagnóstico desde cedo a criança surda ou deficiente auditivo.

Muitas escolas não possuem a menor condição de dar o devido suporte aos alunos com deficiência, tanto na carência do seu espaço físico, como no despreparo da formação dos professores. Por isso é preciso refletir que não é somente colocando os alunos surdos, no mesmo espaço que os alunos ouvintes, que a escola está fazendo inclusão, é necessário desenvolver estratégias pedagógicas que venham a fornecer de forma significativa o acolhimento e um aprendizado de qualidade a esse aluno.

Geralmente o que mais tem ocorrido é que os deficientes auditivos e surdos não ingressam no ensino infantil e fundamental e se ingressam não continuam na escola, na maioria das vezes isso ocorre pela falta de um ensino especializado, adaptado as suas necessidades e um ambiente bilíngue. Lacerda aborda a proposta da educação bilíngue no seguinte trecho:

Partindo do conhecimento sobre as línguas de sinais, amplamente utilizadas pelas comunidades surdas, surge a proposta de educação bilíngue que toma a língua de sinais como própria dos surdos, sendo esta, portanto, a que deve ser adquirida primeiramente (LACERDA, 2006, p.165).

A partir desse estudo surgiu a necessidade de investigar se existe um acompanhamento para a pessoa com surdez, no município de Redenção, pois sabemos que a inclusão escolar é de extrema importância tanto pelo processo de aprendizagem escolar quanto para o convívio em sociedade.

Diante disso, é importante ressaltar que o ambiente escolar ou sala de aula tem que ser bilíngue, ou seja, tem que se utilizar dentro dela tanto a LIBRAS quanto à língua portuguesa até para que possa facilitar a relação surdo/ouvinte. Estudar sobre surdez é importante tanto para o nosso desenvolvimento profissional quanto para o nosso desenvolvimento social como pessoa na sociedade, uma vez que teremos como analisar os limites e capacidades das pessoas com deficiência. Assim, nos permitimos conhecer as suas limitações e realidades e, a partir daí, lutar junto contra os preconceitos ainda existentes na sociedade.

Sabemos que existem diferenças no conceito das palavras mencionadas anteriormente, sabemos também compreensões acerca de diversos níveis de surdez sendo elas: surdez leve, moderada, acentuada, severa, e profunda. No decorrer da pesquisa

também deixei explícito esses níveis. O conceito básico é que quando a pessoa atinge o nível de surdez profunda ela é considerada surda. Quando os níveis permanecem entre leve ou moderado o termo utilizado passa ser deficiente auditivo.

Infelizmente hoje em dia ainda não é muito comum um aluno surdo ou deficiente auditivo frequentar a escola e ter um apoio especializado, e isso acaba dificultando todo processo tanto de aprendizagem quanto de convívio social. *Afinal acontece esse processo inclusivo na cidade ou nas escolas de redenção? Se sim, como acontece?*

2. A INCLUSÃO DE PESSOAS SURDAS E SUA IMPORTÂNCIA ESCOLAR/SOCIAL

É importante a estadia do aluno surdo na escola desde cedo para que ele possa criar sua própria identidade e possa se tornar um adulto crítico para melhor enfrentar os desafios existentes na sua vida adulta. Damásio (2007) nos diz que a inclusão do aluno surdo deve ocorrer desde a educação infantil até a educação superior para que seja possível superar as barreiras do processo educacional e para que possa usufruir dos seus direitos escolares desde cedo.

Sobre a educação dos surdos existem leis que os amparam em relação aos seus direitos, A Lei de Libras 10436/02 e o Decreto n.º 5.626/05 são dois documentos fundamentais para garantir os direitos das pessoas surdas, especialmente na área da educação.

A Lei 10. 436/02 leva à ideia de que a pessoa surda precisa ser incluída na educação. Ela reconhece a Libras como meio oficial de comunicação em seu artigo primeiro “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. E ainda define no parágrafo único: “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias

e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Lei nº 10.436, de 24 abril de 2002).”

A inclusão traz muitas possibilidades ao aluno surdo como acesso à educação, participação nas demais atividades escolares e sociais, além de sua inserção no mercado de trabalho. Com isso, pretende-se impedir que a pessoa surda viva isolada dos demais.

O atendimento especializado ao aluno deficiente auditivo ou surdo tem início a partir do diagnóstico e do grau de conhecimento do aluno conforme destaca Damázio (2007, p.25): “o atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da língua de sinais”. Ou seja, o conteúdo ministrado em sala destinado aos surdos deve ser elaborado pelo professor do Atendimento Educacional Especializado, de acordo com as suas necessidades de aprendizado e dificuldades que alguns surdos possam apresentar.

Os surdos que tem acesso à escola por meio do AEE, se comunicam através da LIBRAS, sendo esta a língua natural da comunidade surda. Quando compreendida pelos surdos, a LIBRAS facilita a comunicação e a interação na escola além de melhorar a adaptação na sociedade. Para Damázio (2007, p.38) o que se pretende no AEE: “é desenvolver a competência gramatical ou linguística, bem como textual nas pessoas com surdez, para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas”.

Também é importante que a sala de aula seja bilíngue, ou seja, se trabalhe a língua de sinais e também a língua portuguesa. A língua portuguesa é de extrema importância para o desenvolvimento mesmo sendo reconhecida como segunda língua surda facilita a aprendizagem do aluno, facilita também a integração na comunidade ouvinte, para avaliação desse processo e imprescindível que sejam realizadas avaliações com frequência com o intuito de acompanhar os avanços do aluno e verificar possíveis alterações no planejamento de aula (DAMÁZIO, 2007). Dessa forma, Muitas são as lutas enfrentadas para que os surdos e deficientes auditivos conseguissem não só um espaço na sociedade, mas o acesso a um processo educacional incluyente.

No Brasil essa situação começa a mudar a partir do reconhecimento da LIBRAS como língua natural surda, assim como a regulamentação de leis que garantem a prioridade surda em processos educacionais seletivos e obrigatoriedade da existência de professores tradutores e intérpretes de LIBRAS.

A Lei n.º10.436 de 24 de abril de 2002 assegura que a formação de docentes para o ensino de LIBRAS na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em cursos de pedagogia ou curso normal superior, em que LIBRAS e

língua portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução viabilizando a formação bilíngue. Pondo assim como obrigatoriedade seu cumprimento. (BRASIL, 2002).

O reconhecimento da LIBRAS como língua natural surda também se deu a partir de abril de 2002 e teve sua regulamentação, conforme o decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro do ano de 2005, portanto, legitima também a atuação e a formação de tradutores e intérpretes de Libras e Língua portuguesa. De modo que Garante também a obrigatoriedade da LIBRAS no ensino básico e superior. (BRASIL, 2005).

Segundo o Decreto n.º 5.626, a Libras precisa estar presente no cotidiano da escolarização das pessoas surdas, por isso, cabe às instituições de ensino superior formar estes profissionais, considerando sempre a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda Língua. A partir disso, há uma maior valorização do ambiente escolar por parte dos deficientes auditivos ainda que muitos desafios permaneçam.

O intérprete também tem um papel fundamental na sala de aula onde ele tem por função tornar possível a comunicação entre indivíduos que não compartilham da mesma língua, seja ela de modalidade gestual/visual ou oral/auditiva.

Interpretar de uma língua de sinais para um idioma ou de um idioma para uma língua de sinais. O intérprete é o profissional que deve ter o domínio da língua de sinais tais como suas estratégias e também possuir uma formação específica nessa área de atuação da Educação.

A importância do intérprete é realizar o trabalho de acompanhamento, facilitando a comunicação e a interação do aluno em sala de aula ou em outros espaços de convívio social ele é o apoio especializado na sala de aula. Damázio sustenta essa afirmação do papel do intérprete quando diz que:

O intérprete é de fundamental importância, pois ele facilita a comunicação usando a tradução como principal ferramenta. É a pessoa que, sendo fluente em Língua Brasileira de Sinais e em Língua Portuguesa, tem capacidade de verter em tempo real (interpretação simultânea) ou, com um pequeno espaço de tempo (interpretação consecutiva), da Libras para o português ou deste para a Libras (DAMÁZIO, 2007, p.49).

É importante ressaltar que o papel do intérprete na sala de aula difere da postura profissional do professor, onde o trabalho realizado por ele muitas vezes ainda é visto como professor, cuidador, supervisor e outros.

Sobre o trabalho do intérprete Damázio (2007) sustenta a afirmação quando diz que não cabe ao intérprete a tutoria na sala de aula dos alunos com surdez, ainda ressalta que é de extrema importância que os alunos aprendam a desenvolver entre si habilidades

comunicativas, de forma que aprendam a tornar-se cada vez mais independente do intérprete para suas atividades. O trabalho está estruturado em tópicos e anexos que fundamentam a pesquisa e mostram o percurso trazendo os resultados finais e questionários respondidos.

2.1 DIAGNÓSTICO DE PESSOAS SURDAS

O atendimento ao aluno surdo na escola comum se inicia a partir de um diagnóstico médico onde se realiza exames com aparelhos capazes de saber se o indivíduo tem algum tipo de deficiência surda e qual seu nível de surdez. A perda auditiva consiste na incapacidade total ou parcial de escutar os sons ambientes. Ela pode estar presente ao nascimento, ou surgir na infância, durante a vida adulta ou terceira idade. O seu diagnóstico é feito pelo médico otorrinolaringologista após a realização de consulta e de exames específicos para avaliar a audição. Sobre o diagnóstico surdo com precisão pode-se afirmar que:

O diagnóstico do nível de surdez com precisão só é possível com a audiometria, exame para avaliar o nível de surdez. A perda auditiva remanescente é medida em DECIBÉIS (dB). Quanto maior for o número de decibéis necessários para a criança responder a um som, maior e mais significativa será a perda auditiva. (PORTAL EDUCAÇÃO, On-line).

A Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002 considera uma pessoa surda por ter perda auditiva, esta compreende e interage com o mundo por meio de imagens, ou seja, experiências visuais manifestando assim sua cultura pela LIBRAS (BRASIL, 2002). Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2004).

A partir do diagnóstico do aluno regularmente matriculado em alguma instituição de ensino o AEE deve ser planejado em conjunto, ou seja, com todos os professores não somente o do AEE, para que seja possível realizar uma adequação das atividades em que se obtenha um melhor desempenho do aluno. Buscando assim o melhor conteúdo e metodologia a ser aplicada.

2.2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

O atendimento ao aluno surdo na escola comum se inicia a partir da apresentação de um diagnóstico ou laudo médico. A partir desse processo se for preciso, o aluno é acompanhado por ele, no qual é visto se existe possibilidade mesmo que reduzida da pessoa escutar com aparelhos auditivos.

Esse processo de diagnóstico é voltado para o indivíduo que seja aluno e estude em uma instituição de ensino regular passando a ser acompanhado pelo professor do AEE e a receber o atendimento que começa de acordo com a necessidade de cada um e do grau de conhecimento que o aluno já tem.

Pois pode ocorrer do aluno não possuir um diagnóstico, mas já ter um conhecimento ou domínio sobre a LIBRAS ou sobre a língua portuguesa. Os surdos que tem acesso a escola por meio do AEE, se comunicam por meio da LIBRAS. A LIBRAS é importante nesse processo uma vez que “o reconhecimento da língua de sinais como língua natural da comunidade surda permitiu o fortalecimento identitário do grupo” (ALVES, 2015, p.28).

Com base na bibliografia consultada para realização deste trabalho foi possível observar que o trabalho do atendimento especializado e planejamento pedagógico não é tão diferente do trabalho feito na sala de aula comum, porém sabemos que toda e qualquer tipo de deficiência tem suas limitações. Para que se obtenha sucesso nesse processo de escolarização surda é importante que se tenha um ambiente adequado as suas necessidades com profissionais qualificados.

É crucial falar da importância do intérprete em sala de aula para que os conteúdos ministrados em sala se tornem de fácil compreensão surda. E assim a sala de aula se torne um espaço proveitoso e que se torne o máximo adequado às necessidades das pessoas com deficiência auditiva e surdas.

3 METODOLOGIA

O estudo inicialmente configurou-se em uma perspectiva qualitativa, uma vez que esta visa estudar comportamentos e reações de um determinado grupo. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 31): “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Já Minayo (1994, p. 21) destaca que a pesquisa qualitativa trabalha

“com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos...”. Corroborando com isso, ao fazer uso de uma abordagem qualitativa pretende-se estudar as relações sociais e as diversas esferas da vida com apontado por (FLICK, 2009).

A metodologia utilizada no presente trabalho em seu primeiro momento no ano de 2017, consistiu numa observação de campo onde a partir de visitas e um estágio como AEE na escola municipal Maria Augusta da cidade de redenção-CE, surgiu a proposta da elaboração de perguntas onde fosse possível responder aspectos não observados no referencial teórico, tendo em vista a peculiaridade de cada realidade, com isso, a abordagem metodológica aqui exposta visa estudar as questões específicas do objeto de estudo a partir da referida escola.

O início da pesquisa se deu no ano de 2017, no curso de bacharelado em humanidades, e neste Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia busco concluir a segunda etapa, para que isso se torne possível pretendo continuar com a coleta de dados e então finalizar a pesquisa e as observações para então conclusão no curso de pedagogia, onde também buscarei pontuar os mesmos aspectos, trazendo alguns resultados e discussões ainda sobre o tema.

Quanto aos objetivos, este trabalho caracteriza-se como descritivo, pois nas “pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). Além disso, Gil (2010, p. 26) afirma que o objetivo central da pesquisa descritiva é “a descrição das características de determinada população.”

Quanto às técnicas, optou-se pela observação direta que segundo Marconi e Lakatos (2003, p.191) “ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.” Dessa forma a observação direta tem papel relevante por permitir ao pesquisador maior contato com a realidade estudada possibilitando a descoberta de novas informações que somente a observação proporciona.

O procedimento de coleta de dados se deu a partir de um questionário aberto (Apêndice A), pois segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 109) “permitem que o informante responda livremente”. Diante de questionários abertos os respondentes ficam à vontade para elaborarem a sua própria resposta, sem ter que optar entre um número de

opções que muitas vezes não contemplam devidamente sua opinião (PRODANOV; FREITAS, 2013). As perguntas foram direcionadas ao professor do AEE no sentido de que fosse possível enxergar além do modo olhar. O objetivo era enxergar a partir da visão do professor e da sua experiência. A análise do questionário tem sido à base desta pesquisa, pois através dele conhecemos a realidade no ambiente escolar na tentativa de compreender as questões suscitadas neste trabalho.

A pesquisa em seu primeiro momento teve como público estudantes com deficiência auditiva do ensino fundamental da Escola municipal Maria Augusta, localizada na cidade de Redenção-CE, buscando observar o ambiente escolar, métodos de ensino, interação entre os sujeitos e comunicação desses jovens com o espaço escolar, professor e demais colegas. No segundo momento busquei analisar como é realizado atualmente esse trabalho relacionando professor, AEE, e a escola citada inicialmente e se possível o olhar da Secretaria Municipal de Educação de Redenção (CE), sobre o AEE-Atendimento Educacional Especializado atualmente existente no município.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A segunda fase da pesquisa inicia em 2021 onde começo uma experiência em uma nova instituição de ensino também pertencente ao município de Redenção Escola que fica localizada em zona rural da cidade a qual fui locada como cuidadora. Daí começo a traçar a segunda fase e finalização da pesquisa citada anteriormente, respondendo aos principais questionamentos do trabalho. Onde apesar do período de dificuldades e defasagem escolar que se enfrenta pós pandemia do Covid-19 sou bem recepcionada e acolhida, vista como um apoio a aprendizagem do aluno com deficiência.

Durante a pesquisa em sua segunda fase utilizei o mesmo questionário proposto no plano inicial da pesquisa, porém tive que adicionar o termo deficiente auditivo nas perguntas pois constato assim que a escola possui uma criança com essa deficiência e os

professores que responderam foram os professores dessa criança ou seja além de conhecerem a criança deficiente conhece as suas dificuldades e também já tiveram contato com ela.

Através de questionários já utilizados anteriormente na fase inicial é possível coletar algumas respostas de alguns profissionais da escola por exemplo: bibliotecária, auxiliar de serviços gerais, professora de ciências, coordenadora pedagógica, professor de história, professora de língua portuguesa e assim foi possível compreender as dificuldades existentes como funciona a existência do acompanhamento ao aluno na escola

Também foi possível saber que na escola não existe um profissional do AEE também não existe o intérprete de libras na escola mas existem os cuidadores que são estudantes bolsistas estagiários contratados pela Prefeitura Municipal de Redenção onde o cuidador escolar também tido como apoio escolar, tem um papel fundamental nesse processo de inclusão do estudante com deficiência física, intelectual e/ou transtorno específico, pois o auxilia nas atividades de alimentação, higiene e locomoção e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária a sua presença.

De acordo com a lei 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, define em seu Artigo 3º, inciso XII, que o profissional de apoio escolar é a pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência, atuando em todas as atividades escolares nas quais se fizerem necessárias, em todos os níveis e modalidade de ensino em instituições públicas ou privadas.

Atualmente os cuidadores presentes na escola são Estudantes universitários que dão auxílio nas tarefas de sala, dificuldades de locomoção e tarefas do aluno. E também promovem a participação ativa do aluno com deficiência nos eventos da escola como feiras, apresentações e outros.

Não existe formação direcionada aos professores, voltada ao atendimento educacional individualizado para apoio ao aluno, é possível constatar também através dos questionários que existe interesse em ajudar o aluno citado mais não existe conhecimento dos termos adequados e falta metodologias para o acesso ao aluno por meio da comunicação.

Devemos lembrar que para a garantia de uma boa educação para todos depende também da formação continuada e adequada para a efetivação da inclusão.

Precisamos de vontade política e muita determinação, seja na ressignificação do papel da escola neste vertiginoso contexto pós-moderno, seja na qualidade

da formação e na valorização pessoal-profissional dos gestores e professores, levando a, cada vez mais, preservar e praticar os valores democráticos universais e o respeito às diferenças (CARVALHO, 2002, p. 16)..

Em diálogo também percebe-se que a família tem uma parceria com a gestão escolar e gestão/cuidador Ou seja todos mantêm um bom diálogo em conjunto para que seja possível o aprendizado do aluno com deficiência não somente os deficiência auditivo e surdo mas também as outras deficientes deficiências presentes na escola, onde a escola também conta com o apoio do (NAPE) que é o Núcleo de Apoio Psicossocial Educacional do Município de Redenção que é composto por profissionais da Área educacional e especializada e dão apoio nas formações com os cuidadores além do auxílio a gestão escolar. A responsabilidade de incluir não é apenas do professor, pois ele sozinho não pode modificar a realidade da educação, portanto, é necessário à atuação de uma equipe interdisciplinar que busque e permita desenvolver ações educativas desde os diversos campos do conhecimento.

Para obtenção dos resultados tive a resposta de 7 funcionários da escola ao questionário, sendo eles 1 Coordenadora Pedagógica, 1 Professora de Ciências, 1 Bibliotecária, 1 Professora de História, 1 Professora de Educação Infantil, 1 Cuidador, 1 Auxiliar de Serviços Gerais. É preciso destacar que foi proposto aos demais funcionários a participação nesta pesquisa porém não obtive retorno. Através das respostas é possível identificar que apenas a Coordenadora Pedagógica conceitua a Deficiência auditiva e a Surdez. Todos os que responderam sabem que na instituição atualmente só tem 1 aluno com deficiência auditiva. A comunicação com o aluno aparentemente não impede seu aprendizado pois a Professora de Ciências Utiliza da Língua de sinais para facilitar a comunicação, A coordenadora faz uso da Leitura Labial porém frisando a falta do interprete na escola, os demais funcionários afirmam utilizar a Linguagem de Sinais. O aluno deficiente auditivo é sempre acompanhado por 1 cuidador que facilita esse processo de ensino e aprendizagem, além de mediar a comunicação utilizando de diversas metodologias. Na instituição atualmente não se tem 1 profissional do AEE, Sobre a formação dos professores da escola é possível a afirmar que falta formações para que eles consigam trabalhar de forma adequada as necessidades dos alunos com deficiências. A professora de ciências ao responder o questionário na questão (6) diz que: É Preciso o professor procurar uma formação por conta própria para melhor atender o aluno. O que a instituição oferece é um cuidador para ajudar o aluno/professor em Sala de Aula.

A escola não tem sala com recursos para atendimento educacional especializado onde o aluno se desloca a cidade de Redenção, atendimento presencial com AEE Quinta-feira, atendimento que ocorre no seu horário de aulas, impossibilitando o aluno de estar na sala de aula regular. A coordenadora reforça ainda em suas respostas que a escola sempre que precisa está em constante diálogo com a mãe do aluno. A professora de História em suas respostas menciona a importância do cuidador na sala, afirmando que a criança tem um bom desempenho com a presença do Cuidador na Sala de Aula. O aluno deficiente auditivo tem conhecimento e faz uso da Língua de Sinais, portanto uma vez utilizada para comunicação com ele, facilita a compreensão nas tarefas. Porém na instituição não se tem profissionais capacitados para essa comunicação.

Por meio das respostas dos questionários e a experiência podemos perceber também a importância do cuidador na sala de aula com o aluno para que ele possa se comunicar e está realizando as atividades em sala pois o aluno é deficiente auditivo usa aparelho do lado direito e do lado esquerdo e não tem outro tipo de ajuda na escola. Onde o acompanhamento que o aluno faz atualmente é com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Redenção que acontece uma vez na semana em uma escola também municipal que funciona atualmente como polo de atendimento que possui os recursos necessários e o aluno é acompanhado pela mãe.

É perceptível que a escola compreende que deve se valorizar e preservar esse diálogo mãe e escola, oportunizando um convívio maior dos pais na unidade para auxiliar no desenvolvimento do aluno especial. Uma relação de cooperação família e escola é necessária para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações e busquem caminhos que permitam e facilitem o diálogo entre si, para o sucesso educacional do filho e aluno. É na família que aprendemos a nos relacionar com os outros, com as diferenças, diversidades e limitações de cada um. Portanto, a inclusão começa a ser construída em casa, pois as pessoas com deficiência e sua família são os principais agentes para que esta aconteça, garantindo também desenvolvimento intelectual e cognitivo para os futuros homens e mulheres inseridos na sociedade. (MACHADO, 2021)

A escola ainda em 2023 só tem 1(um) aluno com essa deficiência mais é possível constatar que ela fornece todo auxílio necessário a necessidade desse aluno que é acompanhado em sala por um cuidador. Diante do exposto, percebe-se que é fundamental o papel de atuação desses profissionais no ambiente escolar, pois traz benefícios para a educação inclusiva mais eficaz, onde aqueles que necessitam dos cuidados possam se

sentir acolhidos e inseridos de forma igualitária em suas diferenças, independentemente de sua deficiência.

Além da assistência dos professores da escola que se preocupam e elaboram metodologias para se trabalhar com ele da melhor forma possível, utilizando da escrita, leitura labial, Língua Brasileira de Sinais e materiais impressos que possibilitam um atendimento confortável as suas maiores dificuldades. Destacando-se assim o trabalho dos professores. O professor é uma figura indispensável no processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos que desenvolver um processo de educação inclusiva não é fácil. Requer planejamento, aceitação das diferentes maneiras de ser e de se expressar de cada aluno(a), assim como uma reflexão permanente sobre as práticas empreendidas na escola, visando à oferta de respostas adequadas as suas necessidades. De início foi possível constatar que existe sim um Atendimento especializado não só as pessoas surdas mais também a outras deficiências, e que mesmo ainda existindo dificuldades diversas esse trabalho vem sendo realizado dentro das suas possibilidades.

Ao finalizar essa primeira fase do estudo concluímos que mesmo com seus direitos assegurados os deficientes auditivos e surdos continuam sofrendo preconceitos e continuam alheios a uma sociedade excludente. Infelizmente não existe acompanhamento

adequado, não existe trabalho conjunto em prol de benefícios para eles, falta materiais na escola, falta sensibilidade, informação e o principal ainda falta muito investimento para que se possa fornecer uma educação de qualidade.

Na segunda fase da pesquisa onde busco analisar a situação atual nas outras escolas e outros profissionais percebo que existe sim ainda muita exclusão e negação por parte dos pais e familiares, Porém existe sim o acompanhamento realizado semanalmente por um profissional do AEE, Onde o aluno sempre comparece acompanhado de um familiar.

E mesmo apesar de sabermos que a inclusão é um processo importante, reconhecemos então que não é fácil essa relação surdo/ouvinte tanto na sala de aula quanto na sociedade atual. Existe a negação por parte dos outros alunos em compreender que existe sim o surdo e o deficiente auditivo, é preciso que seja trabalhado os estereótipos de mudo surdo existentes, E que ainda se faz necessário repensar e criar métodos para que se possibilite um aprendizado igualitário sem separações.

Na segunda fase da pesquisa podemos perceber que ainda diante da criação de Leis e do apoio municipal não se tem tido grandes avanços, pois ainda existe a falta de profissionais por consequência assim da falta de formações ofertadas aos mesmos. E assim dificultando o trabalho dos professores que atuam nas escolas pois impossibilita os mesmos de fornecerem o suporte necessário as crianças com necessidades especiais.

O apoio municipal é primordial nesses processos de escolarização surda, pois é através do poder municipal de se pode conseguir recursos financeiros e pedagógicos que contemplem as dificuldades das pessoas com deficiência. Pois mesmo que existam escolas empenhadas nesse processo o trabalho se torna inviável uma vez que não se tem os recursos necessários.

O mais esperado é que esse trabalho possa ter uma grande contribuição para que a sociedade resolva abrir caminhos em forma de oportunidades e possa ampliar os espaços para os deficientes auditivos e surdos. Que eles não venham a ser tratados com pena ou desprezo, como pessoas incapazes. E que a educação seja ofertada de forma igualitária de modo que possibilite um aprendizado de qualidade com profissionais preparados e dispostos a mudar a realidade ainda existente a realidade de uma sociedade preconceituosa onde enxerga o deficiente como incapaz.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, F. C. *et al.* Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos. *In:* ALMEIDA, W.G. (org.) **Educação de surdos:** Formação, estratégias e prática docente. Ilhéus, BA: Editus, p.27-47, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2004. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em: 15 mai. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1> Acesso em: 15 mai. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 20 mai. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm

CARVALHO, D. A psicologia frente à educação e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 51-60, jan./jun. 2002.

DAMAZIO, M. F. M. **deficiência auditiva.** Brasília, DF: MEC/SEESP, 2007.

FLICK, Uwe. **Métodos de Pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. São Paulo: Artemed, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno CEDES.** Campinas, v.26, n. 69, 2006.

LEITE, Layres. **A comunidade surda: Resumo histórico da LIBRAS no Brasil.** 2014. Disponível em: http://comunidadesurdaelibras.blogspot.com.br/2014/08/resumo-historico-da-libras-no-brasil_12.html Acesso em: 19 abr. 2018.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília: MEC, 2015.

Machado, Bruna Arthuri. *Família e Escola na Educação Infantil.* 2021. Tese (Graduação Pedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2969/1/tcc_Thais%20Teixeira%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 14 Nov.2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Conceitos e tipos de Surdez**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao-fisica/conceitos-e-tipos-de-surdez/28046> Acesso em: 22 mai. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSITA, Edler carvalho. **Educação inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aplicado ao profissional da AEE da Escola Municipal Maria Augusta.

Instituição:

Nome:

Formação:

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno surdo? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno surdo na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

Apêndice B- Questionário aplicado aos profissionais da escola FRANCISCO JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA

Instituição:

Nome:

Formação:

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?

4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ovinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

Anexos- TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail vanessa1387@live.com e pelo telefone (85)982358256. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Tairani da Silva Nogueira, portador (a) do documento de identidade 2001025000160, 39 anos, fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail vanessa1387@live.com e pelo telefone (85)982358256. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Ana Clara Batista Araújo portador (a) do documento de identidade 2000098006380, 40 anos, fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail **vanessa1387@live.com** e pelo telefone **(85)982358256**. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Maria Ednaide G. Silva, portador (a) do documento de identidade 94015127492, 45 anos, fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail **vanessa1387@live.com** e pelo telefone **(85)982358256**. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Vanessa de Oliveira Silva portador (a) do documento de identidade 94010009262, 42 anos, fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail vanessa1387@live.com e pelo telefone (85)982358256. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Francisca Felma da Silva portador (a) do documento de identidade 2005005100250, 36 anos, fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

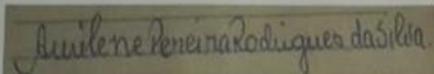
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o(a) aluno(a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail vanessa1387@live.com e pelo telefone (85)982358256. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do(a) referido(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, EVELLAN GOMES MAURA, portador(a) do documento de identidade 2008993987-0, 26 anos, fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o(a) aluno(a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail vanessa1387@live.com e pelo telefone (85)982358256. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do(a) referido(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.



Eu, _____, portador(a) do documento de identidade 2005024002471, 51 anos, fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Autorização da Realização da Pesquisa na Escola.**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o(a) aluno(a) de graduação Vanessa Silva Oliveira do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail **vanessa1387@live.com** e pelo telefone **(85)982358256**. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores e funcionários, visando, por parte do(a) referido(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “A pessoa Surda na Escola na Perspectiva da Educação Inclusiva Junto a Pessoa com Deficiência”. Minha participação consistirá Enquanto Diretor Escolar, em conceder a realização da pesquisa na escola Francisco Januário da Costa, concedendo-lhe o espaço da escola e todo suporte que precisar para a realização da mesma. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, José Helder Araújo de Oliveira, portador(a) do documento de Identidade 2005014059993, 55 anos, fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.


José Helder Araújo de Oliveira
DIRETOR
PORTARIA 128/2021

Anexo II

QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Questionário aplicado aos profissionais da escola **FRANCISCO JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA**

Instituição: *Escola Francisco Januário da Costa*
 Nome: *Ana Clara B. Araújo*
 Formação: *História e Sociologia*

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

1. Que é uma deficiência que impede as pessoas acometidas pela mesma, de ouvir e, conseqüentemente, de falar.

2. Um aluno (turno manhã)

3. A mesma utilizada com os demais alunos, ele possui uma cuidadora que auxilia nesse processo.

4. Sim. Algumas vezes não compreendo o que ele deseja e não consigo fazê-lo me compreender.

5. Sim. A principal dificuldade é o aprendizado do aluno.
6. Não.
7. Não tenho conhecimento.
8. Ele tem uma cuidadora que o auxilia nas atividades.
9. Lidar com o aluno quando a cuidadora não está presente.
10. Com a presença da cuidadora, o aluno tem um bom desempenho.
11. Poucas palavras. Apenas fiz uma disciplina de Libras na Universidade.
12. Tentamos ver com a coordenação alguma forma de recompensar a aprendizagem do aluno.

Questionário aplicado aos profissionais da escola **FRANCISCO JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA**

Instituição: Francisco Januário da Costa

Nome: Evellon Gomes Moura

Formação: Discente do curso de BHU UNILAB

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
Geralmente problemas no ouvido interno causado por sons altos, ou causada por deficiência de nascença
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
Apenas um
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
Atividades visuais ou por meio de libras.
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
Não, as atividades são alabodas para que ele tenha uma bom entendimento.
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
Não existe nenhuma dificuldade nessa parte.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
Não, isso é um ponto que devi ser mais trabalho.
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
Sim, os familiares sempre estão por dentro de tudo que se passa com o aluno.
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
Por menino de profissionais que tem a capacidade de ajudar em algum modo de melhora o aprendizado desse aluno.
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
Sim, mais nenhuma dificuldade que não possa ser resolvida.

10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?

O modo de aprendizagem do aluno e melhorando a comunicação dele com professores e colegas.

11. O professor conhece a LIBRAS?

Sim

12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

E criado uma tarefa que possa incluir ele nas atividades na sala de aula.

Questionário aplicado aos profissionais da escola FRANCISCO
JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA

Instituição: Escola Francisco Januário da Costa

Nome: Selma Silva

Formação: Ciências Biológicas

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

1- Não muito. Convivo com minha sogra que já perdeu boa parte da audição e é preciso falar bastante alto e em frente dela para que consiga me escutar e observar minha boca para compreender o que estou falando. Para ela é bem desconfortável a perda auditiva.

2- No meu âmbito escolar apenas uma.

3- Por meio de gestos e fala normalmente. Eu utilizo o pouco que sei dos sinais de libras, para me comunicar com meu aluno.

4- Sim. Pois nem todos conhecem a Língua dos sinais para se comunicar com um deficiente auditivo e até mesmo alguns deficientes não conhecem os sinais para se comunicar.

É preciso uma preparação e formação para os educadores, para melhor atender as necessidades dos alunos com essas limitações.

5- Sim. A falta do conhecimento sobre a língua de sinais.

6- Não. É preciso o professor procurar uma formação por conta própria para melhor atender o aluno. O que a instituição oferece é um cuidador para ajudar o aluno/professor em sala de aula.

7- Sim.

8- Na escola em si, não oferece acompanhamento, mas ele se desloca para ser acompanhante no AEE da cidade, ou seja no polo.

8- Não sei informar.

9- Na instituição não tem acompanhamento, somente no polo da cidade de Redenção, onde o aluno se desloca para o atendimento.

10- Na escola não tem acompanhamento.

11- Sim.

12- Complicado, pois não terá aprendizagem significativa para o aluno. Então será preciso o professor buscar uma formação adequada para atender a esse aluno.

Questionário aplicado aos profissionais da escola **FRANCISCO JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA**

Instituição: *Escola Fr. Januário da Costa*
 Nome: *Sara Iris de Oliveira Silva*
 Formação: *cursando Ensino Superior (Aux. Ser. Gerais)*

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

01. Deficiência auditiva.

02. 1 Aluno

03. LS

04. Sim comunicação com ele

05. Sim

06. Não na escola, mais ele vai Pra AEE.

07. Sim. A mãe da criança sempre acompanha

08. no AEE em Residência

09. o acompanhamento que ele tem na escola só o cuidador.

10. Melhorou a comunicação por que a cuidadora tem auxiliado todo o tempo de sua permanência da escola.
11. Eu como auxiliar de serviço não conheço.
12. O professor tenta escrever para ele tentar compreender.

Questionário aplicado aos profissionais da escola FRANCISCO
JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA

Instituição: Escola F= Januário da Costa
Nome: Maria Ednaide Gonçalves da Silva
Formação: Prof. Educação Infantil.

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

- 01-
- 02- 1 Aluno
- 03- L S
- 04- Sim. Na forma de comunicação.
- 05- Sim. no tocante ao diálogo
- 06- Sim.
- 07- Sim. o Aluno tem o acompanhamento da mãe. a mesma está sempre a disposição.

- 08- No AEE em Resenhas.
- 09- Atualmente o aluno só tem o acompanhamento do cuidador ~~da~~ escola.
- 10- Melhorou a comunicação com o auxílio da cuidadora.
- 11- Não
- 12- O professor procura a melhor forma utilizado a escrita.

Questionário aplicado aos profissionais da escola **FRANCISCO JANUÁRIO DA COSTA. SEGUNDA FASE DA PESQUISA**

Instituição: Escola 9^{co} Januário da Costa
 Nome: Aurilene Pereira Rodrigues da Silva
 Formação: Ensino médio completo. (Bibliotecária)

1. O que você sabe sobre deficiência auditiva e surdez?
2. Quantos alunos surdos ou deficientes auditivos se têm na instituição atualmente?
3. Qual a forma de comunicação utilizada na instituição com os alunos surdos?
4. Existem dificuldades de ensino ao aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO? Se sim, quais são?
5. Existem dificuldades de interação surdo/ouvinte na instituição? Se sim, cite uma delas que você considera principal.
6. É feito acompanhamento especializado com professor de L.S. (LINGUA DE SINAIS) na instituição?
7. Existe interação entre escola e família como forma de acompanhamento na aprendizagem?
8. Como é feito o acompanhamento do aluno DEFICIENTE AUDITIVO OU SURDO na escola atualmente?
9. Se existe acompanhamento atualmente na instituição qual tem sido a maior dificuldade no momento?
10. Se existe acompanhamento na instituição o que tem melhorado no ambiente escolar?
11. O professor conhece a LIBRAS?
12. Caso o surdo não consiga compreender o professor como fica a situação dele em sala ou no ambiente escolar/escola?

01_ Deficiente Auditivo:

02_ 1 Aluno.

03_ LS

04_ Sim. Comunicação com ele.

05_ Sim.

06_ Na escola não. Mas ele vai pro AEE.

07_ Sim. A mãe da criança sempre acompanha.

08. No AEE em Redençãõ.
09. O acompanhamento que ele tem atualmente é somente do cuidador na escola.
10. Melhorou a comunicação porque a cuidadora ajuda.
11. Eu como bibliotecária não conheço.
12. O professor tenta escrever.